



FILHOS DE IMPÉRIO E PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS
CHILDREN OF EMPIRES AND EUROPEAN POSTMEMORIES
ENFANTS D'EMPIRES ET POSTMÉMOIRES EUROPÉENNES

Sábado, 19 de setembro de 2020



Foto dos carimbos que formam parte da obra *Rédemption* | 2012/2014 | Barthélémy Togueo
Exposição *Global(e) Résistance*, Centro Georges Pompidou, Paris (Fernanda Vilar, 2020)

A RESILIÊNCIA DA RESISTÊNCIA

Fernanda Vilar

Os campos de tensão social não desapareceram durante o período de confinamento na pandemia do coronavírus de 2020. Embora o espaço público estivesse de alguma maneira condenado aos encontros e mobilizações, atos de racismo e violência policial ativaram as manifestações do *Black Lives Matter*, ultrapassando as fronteiras norte-americanas com demonstrações de solidariedade em diversos países como França, Brasil e Portugal, onde ocorre sistematicamente o mesmo tipo de crimes contra a população não-branca.



As fronteiras também se esvaneceram no movimento a que alguns chamaram de “guerras contra estátuas”. A derrubada ou desfiguração dos monumentos contribuíram para um debate aceso sobre como a história deve ser tratada ou negociada e, como argumenta Paulo de Medeiros “derrubá-las, ou desfigurá-las, portanto, é, simultaneamente, um sintoma da profunda crise de memória com que nos confrontamos, e que faz parte integral das estratégias de domínio e domesticação de massas que tem vindo a erodir os fundamentos da democracia ocidental, e a revelação de que, na realidade, nada foi esquecido” (1).

Nesse sentido, o Centro de Arte Moderna Georges Pompidou, em Paris, inaugurou recentemente a exposição [Global\(e\) Resistance](#), reunindo obras adquiridas nos últimos dez anos, de sessenta artistas oriundos nomeadamente do Sul Global (2). O denominador comum dessas obras é que apresentam e/ou elaboram estratégias de resistência que se inserem, em sua maioria, na categoria de *ativismo*, uma prática política da arte para denunciar situações de opressão e desigualdade. Christine Macel, uma das curadoras da exposição, acredita que esses artistas questionam o museu e o incitam a descolonizar-se, convidando a “pensar um novo universal não hegemônico e inclusivo”(3).

Ao entrarmos no museu, nos deparamos com duas imensas cadeiras que estão face a face : uma cheia de bolsas e sacos e outra com diversos carimbos com inscrições que nos acompanharão durante a visita e guiarão nosso olhar em relação a história e a memória: WE FACE FORWARD, LIBERTY, PEACE, HOSPITALITY, EXIL, INDEPENDANCE, GENEROSITY, SHAME ON YOU, MOVE ON, GENOCIDE, ESCLAVAGE, TRAFIC TRIANGULAIRE, COLONIZATION... Esta peça, intitulada *Rédemption* (2012/2014), do artista Camaronês Barthélémy Toguo, questiona as dificuldades de circulação dos povos do sul para o norte, em particular, para a Europa e EUA. Estas esculturas, semelhantes a carimbos de passaportes, ilustram como as linhas de fronteiras são intransponíveis para os africanos e sul-americanos enquanto ao mesmo tempo cadeiras de supostos observadores rodeiam clinicamente os portadores de carimbos sem validade de circulação.

A arte nesta exposição é sinónimo de resistência, e os espaços públicos viram espaços para o ativismo, como é o caso do questionamento sobre as estátuas, que está presente na obra do Angolano Kiluanji Kia Henda e na do Colombiano Iván Argote. Na série *Redefining Power* (2011-2012), Kiluanji Kia Henda apresenta uma obra que conjuga fotografia, vídeo e performance a partir dos pedestais dos monumentos coloniais construídos pelos portugueses e destruídos no momento da independência de Angola em 1975. Nesses espaços vazios, o artista cria “estátuas efémeras” que simbolizam formas

de descolonização e ativismo. Pela sua parte, Iván Argote, na série *Turistas (Don García)* (2012) veste estátuas de antigos colonizadores da América Latina de ponchos tradicionais indígenas. Dessa maneira, o artista colombiano relembra que o manto que cobre a glória do colonizador foi feito a partir do massacre indígena ocorrido durante a colonização, permitindo assim ao espectador repensar a narrativa colonial.

A questão do espaço urbano e sua ocupação é outro tema que está presente ao longo de toda a exposição. As cidades antigamente colonizadas, Braddock e o trabalho de LaToya Ruby Frazier), Johannesburg e as obras de Subotzsky e Waterhouse, assim como Dakar e a arte de Cheikh Ndiaye, são mostradas a partir de um olhar que ilustra como os atuais problemas socioeconômicos transformam as paisagens. Num outro sentido de espaço, esse mais ligado à memória, Katia Kameli trabalha na obra *Bledi, un scénario possible* (2006) a distopia à que estão condenados os emigrantes argelinos que, embarcando num navio num porto da Argélia, sonham que é a esse porto que regressarão. O vídeo é apresenta uma montagem narrativa invertida; do final para o início. Além de evocar a memória e a realidade, a artista interroga a relação do ser humano com a cidade. Nesse sentido, a obra da Norte-americana Renée Green, *Partially Buried* (1996), alimenta nossa reflexão com a composição de Kameli quando pensa a paisagem como território e também como parte de uma memória íntima. Por outro lado, o Congolês Sammy Baloji usa fotografias de espaços da exploração colonial, como as indústrias de extração de minérios no Congo, para transpor o arquivo colonial e construir imagens onde a memória coletiva da exploração é questionada com corpos negros escravizados, realizando assim uma dura crítica aos defensores dos “benefícios da colonização”.

Dentro das questões atuais, referidas a migrações e refugiados, o vídeo [Homeland](#) (2016) realizado pelo Turco Halil Altindere, mostra os mecanismos de marginalização da migração e suas consequências. Muito atento às expressões artísticas marginais, o artista colabora com o rapper Sírio Mohammad Abu Hajar, refugiado em Berlim, para criar um vídeo onde se discute o problema da migração e dos refugiados utilizando a linguagem do rap, acompanhada de imagens provocadoras das paisagens urbanas e do transporte. Na mesma linha, a Tunisina Nadia Kaabi-Linke trabalha em *Parkverbot (Köpenick)*, (2017) a errância dos migrantes e dos sem-teto com uma escultura pungente de um banco cravado de longos espinhos “anti-pombos”. O contemporâneo das lutas passa também pela questão dos gêneros e do feminismo, numa exposição muito rica e diversa que trata também do conflito Israel-Palestina, assim como o apartheid da África do Sul ou a subalternidade dos não-brancos no Brasil.



A RESILIÊNCIA
DA RESISTÊNCIA

A diversidade das obras expostas e as narrativas construídas para exemplificar as diversas maneiras que temos para resistir a um discurso ou a sistemas de pensamento são muito enriquecedoras se quisermos compreender a história da modernidade ocidental.

A exposição *Global(e) Resistance* decorre de 29 de julho 2020 a 4 de janeiro de 2021 no Centro Pompidou em Paris.

(1) Paulo de Medeiros, “Vendavais (3)”, [Newsletter MEMOIRS](#), 20 de junho de 2020.

(2) De acordo com [Maria Paula Meneses](#) “A expressão Sul global tem vindo a ser crescentemente usada para fazer referência às regiões periféricas e semiperiféricas dos países do sistema-mundo moderno, anteriormente denominados Terceiro Mundo”.

(3) Christine Macel, Alicia Knock e Yung Ma, *GLOBAL(E) RESISTANCE*, Catálogo da exposição, Centre Pompidou, Paris, 2020.

Fernanda Vilar é investigadora do projeto MEMOIRS - Filhos de Império e Pós-memórias Europeias (ERC n. 648624) no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Atualmente realiza pesquisas sobre as periferias e a poesia slam num contexto pós-colonial.

MEMOIRS é financiado pelo Conselho Europeu de Investigação (ERC) no âmbito do Programa-Quadro Comunitário de Investigação & Inovação Horizonte 2020 da União Europeia (n.º 648624) e está sediado no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.

